

- BECKER, Howard S. - *Outsiders in the Sociology of Deviance*. New York, The Free Press, 1963.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de - *Kardecismo e Umbanda*, São Paulo, Pioneira Ed. 1961.
- CARNEIRO, Edilson - *Os Cultos de Origem Negra no Brasil em Decimália*, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1959.
- FRY, Peter - *Male Homosexuality and Spirit Possession in Brazil*. (1974 Meeting) México, 1974. mimeo.
- FRY, Peter H. and HOWE, Gary N. - "Duas Respostas à Aflição.Umbanda e Pentecostalismo"...Debate e Crítica. julho de 1975.
- GLUCKMAN, Max and DEVONS, Ely - *Closed Systems and Open Mind: The Limits of Naivety in Social Anthropology*. London, 1964.
- GOFMAN, Erving - *Estigma*. Buenos Aires. Amorrortu Editores, 1970.
- LANDES, Ruth - *A cidade das Mulheres*. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira, 1967.
- LEACOCK, Seth and Ruth - *Spiritism of the Deep: a study of an Afro-Brazilian Cult*. New York, The American Museum of Natural History, 1972.
- LEWIS, Ioan M. - *Ecstatic Religion*, Harmondsworth: Penguin Books, 1971.
- MATTA, Roberto A. da - *Ensaio de Antropologia Estrutural*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1973.
- MAUSS, Marcel - *Sociologie et Anthropologie*. Paris, Presses Universitaires de France, 1950.
- PROVÍNCIA DO PARÁ, A - Edições de 18.01.74 e 20.01.74. Belém.
- SAHLINS, Marshall D. - *On the Sociology of Primitive Exchange*, Monogr-1, 1968.
- WEBER, Max - *Ensaio de Sociologia*, Rio de Janeiro, 2a. edição, Zahar Ed., 1971.
- WORSLEY, Peter - *The Trumpet Shall Sound - a study of "Cargo" Cults in Melanésia* - London, Mac Gibbon and Kee, 1963.

ESTUDO DE DESVIO SOCIAL EM UMA FEIRA DE BELÉM

Manoel Alexandre Ferreira da Cunha*
Universidade Federal do Pará

Para a análise do papel social desviante nas relações inter-grupos escolheu-se a Feira do Ver-o-Peso e uma Instituição Civil-religiosa, que realiza trabalho de "promoção social".

A Feira é frequentada diariamente por pessoas na faixa etária entre 4 e 17 anos, cujas ocupações são: Vendas de sacos de papel, limão, cheiro-verde e outros serviços prestados para os feirantes ou para as pessoas que vão ali realizar compras. Estes vendedores de 4 à 17 anos, são os mesmos sobre os quais a Instituição dirige a sua atenção.

A pertinência teórica deste estudo está caracterizada pelas representações que as pessoas fazem dos "menores"⁽¹⁾: "Nas feiras estamos expostos a sermos roubados, pois proliferam uma quantidade de garotos marginais", "não merecem confiança".⁽²⁾

Do ponto de vista prático o estudo da Instituição é importante, por ela configurar-se criticamente à uma série de outras experiências, como apresentar-se uma proposta nova à resolução do problema do "Menor Marginalizado" "progressista", ou ainda realizar "Uma obra promocional para menores, que aplica uma metodologia nova, partindo da realidade concreta".

Esta pesquisa permitiria saber-se; então o quanto este tipo de proposta está ou não contribuindo para a continuidade desta sociedade desigual e estigmatizadora, possibilitando ao mesmo tempo a busca de formas mais concretas de transformação social.

CARACTERIZAÇÃO DO UNIVERSO

A Feira funciona diariamente das 6:00 às 14:00 Horas; si

(1) Passar-se-á a utilizar esta categoria classificatória quando nos referirmos as "pessoas de 4 a 17 anos e vendedores", por conveniência, apesar de saber-se que é só uma classificação jurídica ou seja, um "rotulo" cultural.

(2) As citações aspeadas sem referência constam de declarações de entrevistados ou de documentos escritos.

* Trabalho apresentado para seleção ao Curso de Mestrado em Antropologia Social da Universidade de Campinas [UNICAMP].

tua-se entre o Cais do Porto e o Mercado de Peixe que lhe é contíguo; neste espaço localizam-se as barracas de produtos de uma banda, cerâmica, hortaliças e outros gêneros alimentícios e comida feita. Pela parte externa do Mercado funciona uma série de lojas, barbearias, sapatarias, farmácias, etc...

A Instituição: Criada em 1971 no Antigo Seminário Arquidiocesano, próximo da feira, a partir de um movimento religioso de jovens, com o nome de "Restaurante do Pequeno Vendedor"; em 1971, passa a chamar-se "República" formando "núcleos" de trabalho: sacoleira, saqueiros, jornaleiros, bombozeiros, estafetas.

Entre os movimentos que realiza para angariar fundos, destaca-se o: "Movimento de Emaús", que mobiliza toda a cidade. Além disso tem "contribuintes" fixos, mensalistas, não recebendo verba regular do Estado.

Em julho de 1975, mudou-se para a Av. Padre Eutíquio a 2 km. da feira em terreno de 120 X 210 metros, cercado de arame farpado, onde há dois galpões, um deles destinado a abrigar o material recolhido por "Emaús", um campo de esportes, a casa do coordenador, uma capela e duas casas em construção, para abrigarem o movimento comunitário dos jovens.

Diariamente às 11:00 e as 14:00 horas, um caminhão faz a condução dos menores da feira para a república e vice-versa.

Conceitual Teórico. Para análise das relações que estabelecem-se Inter-grupos, tanto na feira como na Instituição, utilizamos uma perspectiva interacionista, mostrando-se que o fato cultural está sujeito a leituras ambíguas e divergentes, sendo que "a diferença, em si, deriva da Sociedade, porque em geral, antes que sua diferença seja importante ela deve ser coletivamente conceptualizada pela sociedade como um todo" (Goffman, 1975 p. 134).

A partir das categorias classificatórias utilizadas na Instituição e na feira, com relação ao grupo de estudo, empregamos o conceito de desviante social assim definida por Monford Becker:

"Tal premissa parece ignorar o fato essencial sobre o comportamento desviante: é criado pela Sociedade. Não quero dizer isto no sentido normalmente compreendido, em que as causas do desvio são localizados na situação social do desviante ou em "fatores sociais" que condicionam seu comportamento. Quero dizer que os grupos sociais, criam o desvio ao estabelecer as regras cuja infração constitui desvio e ao aplicá-los a pessoas particulares, marcando-as como outsiders.

Sob tal ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa fez, mas sim a consequência da aplicação por outrem de regras e sanções do "transgressos". (Becker, 1971, p. 8).

Recorreu-se também ao conceito do estigma tal como definido por Goffman: "... usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso" (Goffman, 1975, p.13). Isto para ver-se como surgiam no quadro das relações sociais, as oposições, no caso "desviantes e normais" - permitindo então a delimitação de fronteiras entre os grupos, assim como seus modos de representação.

Na análise da Instituição, utilizamos o conceito de Instituição de Goffman, em seu livro "Manicômios, Prisões e Convenhos"; "toda Instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhes dá algo de um mundo; em resumo, toda a Instituição tem tendência ao "fechamento". (Goffman, 1974, p. 16).

Depois de enumerar cinco agrupamentos de Instituições totais diz que "...nenhum dos elementos que irei descrever parece peculiar à Instituições totais, e nenhum parece compartilhado por todos eles". (Goffman, 1974. p. 17).

E finalmente: O controle de muitas necessidades humanas pela organização burocrática de grupos completos de pessoas... é o fato básico das Instituições totais".

A utilização desse conceitual foi proveitosa pois apesar da Instituição ser frequentada em tempo parcial pelos "reneres", ela mantém um controle rígido que passa a envolver todos os aspectos da vida dos seus membros. Em seus próprios termos, "visa atender as necessidades de recreação, estudo, alimentação, orientação e trabalho dos menores".

Metodologia empregada:

A pesquisa desenvolveu-se conjuntamente na Feira e na Instituição entre outubro e dezembro de 1975. Depois de consultarmos a bibliografia, fizemos um "survey" exploratório, montando-se a seguir, um roteiro de entrevista e de notas para observação

ção.

Iniciou-se a pesquisa pela Instituição, por facilitar a penetração junto aos "menores", que já haviam classificado o estranho nós como "sendo da polícia". Posteriormente estendemos as observações até a feira.

Dividiu-se as pessoas envolvidas pelas observações em categorias esquemáticas, com o cuidado de não se projetar um modelo do pesquisador. Entrevistou-se 47 pessoas, assim distribuídos:

Na Feira:

- 1) "Os menores" de 4 à 17 anos - vendedores 7
- 2) Outros que exercem atividades na feira: canoieiros, marqueteiros, peixeiros, soldados - 13
- 3) As pessoas que vão fazer compras.

Na Instituição:

- 1) "Os menores" : os menores aqui chamados pequenos pequenos vendedores : 11
- 2) Coordenadores Salesianos - 13
- 3) Voluntários
- 4) Comunidade Circundante - 2

Análise: O Jogo das Classificações.

É a partir da feira, que se formam as relações entre os "menores" estudados e os demais grupos que os classificam "vendedor" ou como "marginal". Apesar das classificações diferentes todas duas têm por base o estigma de desvio, que no caso da Instituição assume esta forma por ela configurar-se como representante deste grupo estigmatizado, perante a sociedade mais ampla, onde realiza uma "sensibilização a fim de promover o menor socialmente, mas sem no entanto deixar de representar um papel social, por fazer uma das tarefas características desses representantes "convencer o público a usar um rótulo social mais flexível à categoria em questão" (Goffman, 1975, p. 33).

Tanto para a Instituição, como para as pessoas que trabalham, ou compram na feira, há uma mesma ideologia: de que lá é um lugar que degrada, "um ambiente Pêssimo" E sobre os menores: "Vivem num ambiente de feira". A Feira torna-se um lugar estigmatizado, apesar de ser composto e frequentado pelos elementos que o estigmatizam.

As características de "degradante", podem ser explicadas pelas categorias da sociedade mais ampla, que ao prescrever pa-

péis para os seus membros, os prescreve também, segundo faixas de idade, inclusive quanto à permissibilidade de acesso à determinados Pontos. Concebe-se que as crianças só devem frequentar tais e quais lugares, ou fazerem certas atividades, ora quando alguns elementos passam a inverter os papéis, tornando-se "meninos-homens" a "precocidade" passa a ser considerada como um dos principais defeitos destes meninos", como expressa a Instituição para justificar o seu trabalho; os "menores" tornam-se verdadeiros "monstros" quabrando as estruturas normativas da cultura e a própria "Lei da natureza; sendo então considerados "perigosos". O problema está portanto na ambiguidade dos papéis que representam diante dos grupos que os classificam.

Nota-se que determinadas categorias são recorrentes nos diversos grupos da sociedade, pois tanto a polícia, como a República (que são ou se concebem como distintos na sua ideologia e "praxis"), verbalizam a sua eficiência enfatizando que estão agindo preventivamente; a República através da "integração do menor à sociedade" e os guarda "pelo policiamento ostensivo em toda a feira".

Os entrevistados na feira foram unânimes em declarar "90% desses garotos são marginais", sendo que o estigma recaiu principalmente sobre os saqueiros e vendedores de limão. "esses moleques se disfarçam de saqueiros e vendedor de limão para roubar".

Ao entrevistar-se os garotos tanto na feira, como na República sobre as suas condições, eles diziam que conheciam alguns garotos ladrões, mas que eles não eram. E, ao perguntar-se como eles identificavam os ladrões, eles diziam que "tinham visto alguns roubando".

Como se nota eles próprios estavam incorporando os valores dos grupos mais "fortes" e ao classificarem outros como marginais estavam automaticamente definindo sua posição entre os "normais".

Ao entrar-se em contacto com o grupo de "menores" notou-se que a maioria dos entrevistados estava estudando ou se não estudava esperava continuar os estudos pois já havia cursado duas ou tres séries iniciais do 1º grau e frequentavam regularmente suas famílias, inclusive em alguns casos, sustentando-a. Isto indica que, sobre os mesmos garotos que a República dizia serem apenas "pequenos vendedores" e não "marginais", há uma ambiguidade de classificações, o que demonstra que um mesmo grupo

pode receber classificações diferentes, a partir de grupos diferentes.

Para as pessoas que trabalham ou frequentam a feira, os menores são estigmatizados, porque são "pornográficos, malcriados, roubarem, fazerem desordens e correria". Eles são vistos como "perigosos", e ainda como contaminando o contato dos "normais". Demarca-se inclusive lugares que devem ser evitados, como as portas laterais do Mercado, onde o perigo de ser vítima de um destes "pornográficos" é maior.

A caracterização do desviante faz-se ainda difusamente, com a própria polícia afirmando que alguns dos menores ganham nestamente a vida. E ao inquirir-se até o ponto de se saber como eles classificavam um "marginal típico, quais as suas características, não houve respostas satisfatórias, apenas um cabo revelou: "sempre que há um roubo prende-se todo mundo, não merecem confiança" "tem alguns que são difíceis mas tem outros que revelam logo a sua pinta de bandido".

A "pinta" como critério para classificação do indivíduo como "marginal" vinha do fato de aparentemente ele não estar fazendo nada, tornando-se logo suspeito, apesar de muitos "menores" após terminarem suas vendas, preferirem continuar andando entre as barracas da feira. Em certa ocasião quando entrevistamos um policial, ele olhou para um jovem de uns 14 anos que passava e disse: "Esse é um tipo (e aproximando-se do menor). Olha Carlos, tu não estás vendendo saco, então te saca, senão te arrasto".

RELAÇÕES NA INSTITUIÇÃO: A CONTINUAÇÃO DO ESTIGMA

A Instituição está em fase de estruturação; ela tende a absorver o tempo dos seus membros, pois entre o corpo dirigente, além do Coordenador e do Vice, ambos religiosos, há os jovens Voluntários, havendo entre estes aqueles que já começam a ficar permanentemente na Instituição. Além disso, nas duas casas que estão sendo construídas, serão ensaiadas experiências de vida comunitária, onde em tempo integral "rapazes e moças terão uma vida comunitária e familiar, para ser um exemplo à sociedade". E um dos ideais da Instituição, é que os garotos que entram para os núcleos, depois se empreguem e se tornem também voluntários, já havendo cinco destes casos.

Se ser "voluntário" é que se destinam todos os "pequenos vendedores" da República, vamos então traçar seu caminho na Ins

tituição.

Diariamente o caminhão vai buscar os garotos na feira às 11:00 hs., estes podem vir só para o almoço, sem nenhum outro vínculo com a República, ou então podem cadastrar-se na Secretaria, local onde compram fichas para a refeição. Geralmente o garoto procura na primeira oportunidade se cadastrar, pois se ele começa a frequentar a República sem nenhum vínculo, ele fica sob suspeita, por haver uma certa triagem para acesso ao caminhão. No caminhão (que ao atravessar grande trecho da cidade, faz uma exibição para a sociedade) os garotos podem ter um comportamento desviante diante daqueles que são os mantenedores da República, ou seja, "jogam sujo, mexem e dizem pornografias para as pessoas que passam". Este comportamento que pode ser simplesmente normal, em outras ocasiões ou para outros grupos, é tomado como uma marca do comportamento desviante.

Todo menor que chega a República tem o que se pode chamar de uma "cultura aparente", elaborada através da sua experiência no meio em que vive, que lhe permite formas de defesa, para enfrentar dúvidas, processos e conflitos e que são geralmente exercidos segundo a sua vontade. Entretanto, todo o seu comportamento passa a ser categorizado pela República em tipos como "Rebelde", "desobediente", "impontual", "agressivo" e "irresponsável", categorização que vai marcar toda a atuação da República em relação aos menores, que ao concebê-los através de estereótipos limitados e hostis, transformam-se na "estufa para mudar pessoas" (Goffman, 1974 p. 22), o que ela qualifica de "uma vida diferente". A República começa por romper totalmente com o mundo anterior do "menor" para enquadrá-lo na sua ideologia.

A quando da admissão do menor, desenvolve-se um verdadeiro ritual pois em cada contato com os membros da hierarquia ele é colocado em contraposição aos seus valores. Depois da inscrição, em que são colhidos dados como nome e idade, ele é encaminhado para o Diretor de Treinamento onde "lhe é dito o que é a República" e é preenchida uma ficha individual, numerada.

O menor começa então a ser alguém que será avaliado pela República: é que pois pela ficha de inscrição na administração, todos os dias será computada a sua frequência, ocasião em que se verbaliza um signo reconhecido pela sociedade global, qual seja o nome e não o apelido, com o qual geralmente é conhecido no seu mundo.

Da Diretoria de Treinamento, ele é encaminhado ao Serviço Social, para "triagem". É feita uma entrevista, onde começa a

"rotulação" por parte da Instituição, numa chamada "folha de rosto". Neste momento em que o menor começa a ser identificado como "desviante, o processo assemelha-se ao que poderia ser chamado de "posando para o retrato", por meio do qual um novo prisioneiro era obrigado a sentar numa cadeira enquanto os guardas se reuniam e o observavam, gravando a sua imagem em suas mentes com o objetivo de poder identificá-lo depois" (Goffman, 1975,p.81). A partir desta ficha é feito um prontuário onde será anotado a "carreira" do menor. Em geral estas fichas (Folha de Rosto) em que estão retratados pontos da vida do indivíduo, servem como formas de "coerção" para o indivíduo se ajustar aos objetivos da Instituição.

Esta entrevista é importante, porque irá marcar a carreira do menor na República e as suas possibilidades de acesso, como seja passar dos núcleos de saqueiros, jornaleiros e estafetas, para o dos empregados. Cada uma destas etapas comporta por sua vez uma ordem valorativa seja para os menores, seja para a Instituição.

Os empregos são em geral de "boy" "ascensoristas", ou serviços gerais (geralmente em supermercados e repartições Públicas) onde ganham menos que o salário mínimo.

A "folha de rosto" dos arquivos da "República" consta de:

- I - Identificação
- II - Situação Familiar
- III - Situação Habitacional
- IV - Trabalho do menor.

Nas partes V e VI levanta-se uma série de dados por sua vez já estereotipados sobre os "problemas das crianças" e "quanto a personalidade da criança", como por exemplo, se "foge do lar", se "os pais bebem", se "tem más companhias", se "tem vício", se "é rebelde e agressivo", ou ainda "problemas ligados ao aspecto sexual".

Quanto ao item "personalidade" eles são classificados em: "crianças com tendência para liderança", "com acentuada timidez", "com complexo de incapacidade", "com temperamento forte", "geniosa" "de lares com educação rígida", "com problemas de saúde", "inconsistência emocional". Ignora-se portanto as suas bases anteriores da auto-identificação, ao mesmo tempo em que, através dessas categorias classificatórias transparece claramente, os conceitos da sociedade envolvente como a persistência em rotular os menores como que para permitir a ação da República.Em

um determinado nível da verbalização classificatória da República, transparece inclusive a contradição entre a "necessidade de integrá-los na sociedade", e os valores dessa própria sociedade, ao serem colocadas entre os problemas característicos dos menores: "a pretensão de que são donos deles, independentes" ou "quererem ser livres". Ora parece que um dos valores pregados pela sociedade na qual "devem ser integrados" está o de "ser independente, ter autonomia, ser livre". Ou será que na prática a República faz o que a sociedade quer ao "integrá-los"?

Falaríamos agora numa ideologia reformadora da República que aparece através de suas normas e do sistema de "promoção" que utiliza.

Desde que o menor compareça à República, ele começa a se integrar numa série de horários pré-fixados, visando modificá-lhe suas categorias de tempo instaurando-se o tempo da Instituição, ele tem que obrigatoriamente comprar fichas para almoços (vermelha para a primeira turma e amarela para a segunda), entrar em filas, lavar as mãos, cantar uma oração antes do almoço, etc..

Violenta-se dessa forma a autonomia do ato.

As suas menores ações começam a estar sob controle e julgamento da equipe, que em geral se faz de forma escalonada, ou seja, pode ser exercida por qualquer membro da equipe dirigente, em qualquer lugar.

O controle e manipulação dos menores começa a ser racionalizada em função dos objetivos ideais da República, que é a "integração", surgindo as proibições sobre "não fumar", "não beber", "não frequentar boites", "não jogar a dinheiro". Comportamento já incorporado pelos Voluntários ao declararem que já "não fumavam, nem bebiam".

A continuidade do estigma da feira transparece ainda na existência de lugares públicos e proibidos dentro da Instituição, apesar de ter sido enfatizado pelos informantes dirigentes, de que havia uma liberalização "democrática" em relação aos garotos podendo esses entrar onde quizessem. Mas, se perguntados, eles declararam que havia lugares que eram proibidos como "a Biblioteca", "o depósito da Campanha de Emaús" e a "Sala do Coordenador", o que nos permite afirmar que, todas as dependências da República fora os corredores e os pátios, são lugares proibidos, pois os garotos só podem entrar ali se no local estiverem presentes alguns Voluntários.

Depois da triagem no Serviço Social, os garotos voltam ao Setor de Treinamento que é também agência de emprego, de onde são

encaminhados através de fichas para os "núcleos" onde serão avaliados mensalmente pelos Voluntários nos seguintes itens: "comportamento", "responsabilidade", "eficiência", "pontualidade". É a partir desses critérios de "juízo" que é feita a sua promoção para o "núcleo dos empregados", como o de poder vir a ser Voluntário.

Nos outros núcleos o menor passa não menos que três meses, podendo chegar até 8 ou 12 meses. É um estágio probativo para ver se o aspirante se conforma com as normas da Instituição, e onde as punições podem ser, desde a suspensão do refeição, dos jogos, até de todas as atividades. A rotatividade pelos núcleos da exclusão, se o menor não for "pontual" e não tiver "responsabilidade".

Informaram-nos que já tinham havido uns 5 casos de exclusão e, à época da pesquisa havia um "menor" que estava suspenso de todas as atividades da República. O que seria a forma da República, a qual confirma uma classificação degradante para o grupo de menores, ao mesmo tempo em que estabelece as fronteiras de normalidade do seu trabalho, eladistribui "símbolos desidentificadoras (Goffman, 1975, p. 54) para os menores, como "carteirinhas" da República e fardas azuis a serem usadas pelos garotos que trabalham nas ruas, para que sejam vistos como outras pessoas e não mais os "meninos-homens" por "marginais" da feira.

Uma das coisas importantes numa Instituição total é o controle da informação principalmente por parte dos dirigentes, pois "para a equipe dirigente, o uso, pelos internados, da linguagem e da filosofia da administração para discutir ou publicar queixas é uma vantagem duvidosa" (Goffman, 1975, p. 82).

Ao entrevistar-mos os menores, mesmo os que já eram Aspirantes ou Voluntários sobre: Como a República se mantém? qual a sua finalidade? O que era um Voluntário? questões básicas da condição a que a República esperava que seus membros chegassem por se dizer "democrática", eles responderam: "que era o governo, ou o Padre, para alguns, "os contribuintes", não tendo idéias muito exatas sobre manutenção por exemplo.

Sobre a finalidade "disseram ser para ajudar os pobres" - contrariamente a ideologia dita não paternalista da República.

Vários não sabiam nem que moças e rapazes eram chamados de Voluntários e nenhum deles sabia o que significava "Voluntário".

Em geral utilizavam-se entre si as mesmas categorias estigmatizadoras da Instituição, tratando-se de "Ladrões e que rou-

bavam". Também classificam-se em "boa praça" e "puxa-saco", tendo nos apontado quatro daqueles; geralmente elementos que tinham "entrado há pouco tempo" e que "contavam pro padre o que eles faziam" e que, se eles entravam nas salas os "puxa-sacos" os estigmatizavam com a mesma "vigilância" dos Voluntários, dizendo "já vai roubar".

OS VOLUNTÁRIOS

São 50 jovens que chefiam as diversas "diretorias", "setores" e "núcleos", alguns atuam num horário permanente sem remuneração da República e outros nos intervalos de horário de trabalhos externos e aos sábados; destes, 5 tem nível ginásial, 35 nível médio, 7 universitários e 3 que já concluíram Curso Superior, sendo 2 de Serviço Social e 1 de Engenharia.

Ao conceberem o seu trabalho como uma "doação, impregnando-o de categorias humanitárias "trabalho em prol da sociedade", os Voluntários colocam-se como arautos de um trabalho que só imputar identidades aos indivíduos "desacreditados"(nunca ao conjunto social mais amplo) de uma certa forma referenda a visão da sociedade envolvente pois "representam as forças da moralidade de oficial" (Becker, 1977,124) controladora dos menores violadores da moralidade.

Constantemente estão verbalizando a ideologia da sociedade maior através de "pensamentos consagrados" "como não exigir dos outros o que não podem realizar", que é frequentemente dito para os menores.

A sua admissão na Instituição é ritualizada, através de um retiro de três dias fora da cidade, onde eles se integram da filosofia da República, não recebendo treinamento técnico.

Configura-se então o caráter de excessão da sua tarefa.

Quanto à população circundante, esta procura a República para internar os filhos, ver se tem escola, ou comprar objetos.

CONCLUSÃO

A "República" na sua ação, está agindo para a manutenção dos "statusquo" social, seja através do fornecimento de mão de obra barata e disciplinada, seja tirando o potencial de mudança dos grupos que ela classifica como "rebeldes, e indisciplinados".

Os objetos usados recolhidos pelo "Movimento de Emaús" são vendidos no Estado, para intermediários que realizam bons negócios.

pios reformando-os*.

Debaixo de sua ideologia reformadora, há uma posição "integracionista", concebendo os "menores" pelos mesmos estereótipos, dos feirantes, dos guardas, etc...

Os "menores" por sua vez incorporam e utilizam o sistema de valores da sociedade mais ampla, estigmatizando outros automaticamente classificando-se como "normais", perpetuando a exclusão ideológica estigmatizadora, e dando continuidade ao modelo de dominação.

A Instituição chega a desenvolver uma patologia do desvio cujas causas estão no indivíduo e na família. Atualmente ela começa a desenvolver trabalho de visitas às famílias.

Com receio de negar as próprias estruturas da sociedade que representa, ela esconde-se em pontos mais fáceis de manipular o indivíduo e a família.

(*) Atualmente fomos informados que a reforma é feita pelos menores na própria República o que não invalida a conclusão anterior.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - VELHO, Gilberto - Desvio e Divergência; Uma Crítica da Patologia Social - Rio de Janeiro, ZAHAR Editores, 1974
- 2 - GOFFMAN, Erving - Estigma: Notas Sobre a manipulação da Identidade Deteriorada, Rio de Janeiro, ZAHAR Editores, 1975.
- 3 - GOFFMAN, Erving - Manicômio, Prisões e Conventos, São Paulo, Editora Perspectiva S.A, 1974
- 4 - BECKER, H. - Uma Ideologia da Ação Coletiva, Rio de Janeiro, ZAHAR Editores, 1977.